

UM ESTUDO PANCRÔNICO SOBRE O VERBO “LACRAR” A PARTIR DOS PROCESSOS DE SEMANTICIZAÇÃO, LEXICALIZAÇÃO, GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO

A PANCHRONIC STUDY ON THE VERB “LACRAR” FROM THE PROCESSES OF SEMANTICIZATION, LEXICALIZATION, GRAMMATICIZATION AND DISCURSIVIZATION

Vanessa Leme Fadel Steinhauser | [Lattes](#) | vanessalemefs@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá

Resumo: Este trabalho busca traçar um mapa processual do verbo “lacrar” em português, já que diversos aspectos sócio-históricos fizeram com que fossem acrescentadas novas semânticas a esse verbo. Ao se considerar a língua como um sistema complexo, dinâmico e processual por natureza, adota-se uma abordagem multissistêmica (cf. CASTILHO, 2016) para se fazer um estudo pancrônico, em que se vê o dispositivo sociocognitivo (DSC) afetando todos os sistemas linguísticos (discursivo, semântico, lexical, gramatical). *A priori*, “lacrar”, em seu sentido denotativo, significava apenas o ato de fechar/selar produtos, objetos e lugares, como em: (i) *Operação lacra cinco agências*. Com o advento das novas tecnologias, “lacrar” passou por um processo de semanticização, fazendo com que, hoje, se possa interpretar esse verbo como sinônimo de “arrasar”/“ir bem em algo”, como pode ser visto em: (ii) *Khloé lacrou com look dourado*. Por ser um verbo, “lacrar” permaneceu com suas flexões originais. Contudo, o número de ocorrências com a 1ª pessoa (singular ou plural) aparenta ser menor do que com a 3ª (ele/ela), o que indica um processo de gramaticalização, já que uma das formas se sobressai. Ademais, discute-se o processo de lexicalização no verbo “lacrar”, dado que novas palavras foram surgindo por derivação, como é o caso do substantivo “lacrção” e do adjetivo “lacrador(a)”. Por fim, questiona-se ainda o processo de discursivização atuante nessa expressão, já que ela parece ser mais utilizada para encerramento dos turnos e dos discursos, podendo operar, portanto, como um marcador discursivo de encerramento.

Palavras-chave: Verbo “lacrar”; Estudo pancrônico; Aspectos sócio-históricos.

Abstract: This work seeks to draw a procedural map of the verb “lacrar” in Portuguese, because several socio-historical aspects caused new semantics to be added to this verb.

When considering language as a complex, dynamic and procedural system by nature, a multisystem approach is adopted (cf. Castilho, 2016) to make a panchronic study, in which the socio-cognitive device (CSD) is seen affecting all systems linguistic (discursive, semantic, lexical, grammatical). A priori, “*lacrar*”, in its denotative sense, meant only the act of closing / sealing products, objects and places, as in: (i) *Operação lacra cinco agências*. With the advent of new technologies, “*lacrar*” went through a process of semanticization, making it possible today to interpret this verb as a synonym for “rocking” / “doing well in something”, as can be seen in: (ii) *Khloé lacrou com look dourado*. Because it is a verb, “*lacrar*” remained with its original inflections. However, the number of occurrences with the 1st person (singular or plural) appears to be less than with the 3rd person (he / she), which indicates that we have a grammaticalization process here, since one of the forms stands out. In addition, the lexicalization process is discussed in the verb “*lacrar*”, given that new words have emerged by derivation, as is the case with the noun “*lacrção*” and the adjective “*lacrador (a)*”. Finally, the discursivization process active in this expression is also questioned, since it seems to be more used to end shifts and speeches, and can therefore operate as a discursive closure marker.

Keywords: Verb “*lacrar*”; Panchronic study; Socio-historical aspects.

Introdução

Segundo os historiadores, pensar o presente é pensar o passado no presente. Por essa razão, torna-se viável substituir a antinomia saussuriana sincronia/diacronia pelo conceito de pancronia, em que se nota a convivência de estruturas do passado com estruturas do presente.

Considerando os usos socialmente configurados, a abordagem multissistêmica entende a língua como pancrônica e adota uma explicação linguística que privilegie o funcionamento da língua em todo processo de inovação, difusão, mutação e integração linguística.

Partindo dessa ideia, o presente estudo almeja discorrer sobre os processos multissistêmicos e as motivações sócio-históricas que fizeram com que “*lacrar*” ganhasse mais um sentido, que se destoa, até certo ponto, de sua carga semântica original (fechar), porém convive com ela. Esses usos podem ser exemplificados a partir das seguintes sentenças:

- (1) “Se o alvará dos bombeiros venceu, cabe à prefeitura lacrar a boate”
- (2) “Cês já viram quem vai reinar, protagonizar, pisar, lacrar e humilhar, né? Isso mesmo, BÁRBARA!!!”

Em (i), tem-se o verbo “lacrar” carregando o seu sentido original, que corresponde, portanto, ao ato de fechar com lacre algo ou alguma coisa. Já em (ii), vê-se um novo sentido sendo atribuído ao mesmo verbo, o qual pode ser substituído facilmente por outro verbo de mesma carga semântica, como “arrasar”, por exemplo. Além dessas constatações, novas palavras foram surgindo no vocabulário popular a partir desse verbo, como é o caso do adjetivo “lacrador(a)” e do substantivo “lacrção”, o que nos revela a existência de múltiplos processos intra e extralinguísticos na criação, na atuação e na propagação desses termos.

Tomando essas observações como ponto de partida, espera-se, com este estudo, investigar como se deu a origem desse verbo e sua manifestação nos diferentes setores/discursos da sociedade. Para tanto, traça-se um mapa processual, a partir da abordagem multissistêmica de Castilho (2016), que indica quais motivações desencadearam o aparecimento dessas estruturas. Ademais, faz-se uma análise quanti-qualitativa em um *corpus* consagrado nacionalmente (Corpus do Português Now), de modo que, assim, se possa comprovar o comportamento e a solidificação dessas estruturas na história social do português brasileiro.

Até o presente momento, sabe-se que “lacrar” (arrasar) originou-se no grupo LGBTQIA⁺ e, hoje, embora seja usado por outros setores da sociedade, serve principalmente para se referir a uma mulher ou a algo feito por uma mulher. Há, portanto, um caráter social bastante intrínseco ao uso desse verbo e de suas variantes, já que são termos usados preferencialmente por minorias¹, seja no campo da moda, da cultura pop, da política, do jornalismo e das mídias digitais. Agora, resta saber se, mesmo com os estigmas sociais, “lacrar” veio para ficar ou, assim como outros termos, está com seus dias de glória contados.

1 Pressupostos teóricos

1.1 Abordagem multissistêmica

Por ser um conjunto articulado de processos dinâmicos, a língua varia no tempo, no espaço e no contexto social e textual de uso. Ela é o somatório dos usos concretos

¹ É importante esclarecer que uma minoria não está sempre em menor número na sociedade, mas em desvantagem social perante um grupo majoritário.

historicamente situados. Em suma, a língua é um instrumento de comunicação que serve diretamente a uma atividade social, seja para sanar tarefas instrumentais, regulatórias, interacionais, pessoais, heurísticas, imaginativas ou representativas (HALLIDAY, 1973).

Nesse sentido, a linguagem é um sistema complexo, processual por natureza, mutável e, até certo ponto, imprevisível, “deslocando-se como pêndulos para lá e para cá” (CASTILHO, 2016, p. 61). A língua passa a ser compreendida como a junção não hierárquica/sequencial de produtos e processos, que interagem simultânea, dinâmica e multilinearmente. Os agentes desse sistema reconsideram constantemente sua atuação, de acordo com as motivações internas e externas que estão em competição (cf. DUBOIS, 1985) e que, por extensão, pressupõem o uso.

Para desenvolver este estudo, adotou-se a abordagem multissistêmica funcionalista-cognitivista (CASTILHO, 2008, 2016), em que se vê o dispositivo sociocognitivo (DSC) afetando todos os sistemas linguísticos (discurso, semântica, léxico, gramática). Esses sistemas não se dão por processos hierárquicos, mas coexistem na língua. De acordo com Castilho (2016, p. 69), existem alguns postulados que caracterizam essa abordagem:

- (1) a língua se fundamenta num aparato cognitivo;
- (2) a língua é uma competência comunicativa;
- (3) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos;
- (4) as estruturas linguísticas são multissistêmicas, ultrapassando os limites da gramática;
- (5) a explicação linguística deve ser buscada numa percepção pancrônica da língua.

O aparato cognitivo-funcional evidencia, portanto, esse caráter comunicativo e interativo da língua, em que se prevê a dinamicidade do sistema linguístico e sua readequação diante das pressões do uso. O uso faz com que, ao longo do tempo, as estruturas possam se reelaborar, por meio dos processos multissistêmicos, já que:

As línguas são o resultado de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente realizando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende quer de carências do próprio sistema linguístico, quer de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças. (SILVA NETO, 1977, p. 52).

Castilho (2016) defende duas formas de se entender a língua: (i) como um conjunto de processos, (ii) como um conjunto de produtos. Enquanto um processo, pode-se dizer que a língua “é um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis num

multissistema operacional” (CASTILHO, 2016, p. 77). Destarte, sob o viés processual, articula-se a língua em quatro domínios: lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização. Tais domínios operam simultânea, dinâmica e multilinearmente.

Já sob a ótica da língua enquanto produto, avaliam-se os sistemas: léxico, discurso, semântica e gramática. A língua é apresentada assim como “um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema” (CASTILHO, 2016, p. 77). Assim como os processos, esses sistemas não se apresentam hierarquicamente, isto é, não há sistemas centrais e periféricos – “qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais” (CASTILHO, 2016, p. 77).

Constata-se, assim, que os princípios sociocognitivos administram os sistemas linguísticos, certificando sua integração de acordo com os propósitos comunicativos do uso. O discurso (DSC) faz com que o falante ative, reative e desative propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação dos enunciados. Os fatores sócio-históricos tornam-se, desse modo, peças fundamentais para a mutabilidade constante da língua, tanto em seus sistemas quanto em seus processos. Palavras surgem, ganham vida, ou apenas são “readequadas” ao uso ao longo do tempo e do contexto sociocultural.

A partir desses pressupostos teóricos, investigam-se agora os processos que tornam a língua articulada e dinâmica, visto que o enfoque central deste estudo recai sobre os processos que levaram a uma nova constituição do verbo “lacrar” a partir dos fatos sócio-históricos.

1.2 Lexicalização

De acordo com as premissas de Castilho (2016, p. 110), o léxico “é um inventário de categorias e subcategorias cognitivas e de traços semânticos inerentes”. A partir desse inventário, criamos as palavras, por meio do processo de lexicalização, que é:

a criação das palavras em que expressamos essas categorias e seus traços semânticos, transformando impulsos mentais em ondas sonoras, num mecanismo ainda bastante obscuro. [...] A lexicalização é o processo por meio do qual conectamos o léxico, entendido como um inventário pré-verbal, ao vocabulário, entendido como um inventário pós-verbal, um conjunto de produtos concretos, ou seja, as palavras. (CASTILHO, 2016, p. 110)

Durante a lexicalização, categorias cognitivas podem ser ativadas (por etimologia, neologismo, empréstimo), reativadas (por derivação lexical: junção de prefixos e sufixos a um radical; e composição lexical: junção de radicais) ou ainda desativadas (o que cor-

responde ao desuso de certos termos). Isso mostra que as palavras e suas propriedades estão direta e dinamicamente ligadas às situações concretas de uso da língua.

Para se verificar o processo de lexicalização, torna-se viável também buscar definições lexicográficas sobre o sentido das palavras comumente estabelecido na sociedade, adentrando no campo sociocognitivo que trate da origem da palavra e de sua consolidação no espaço social. Essas definições exploram a denotação (extensão significacional da palavra) e a conotação (intensão e compreensão), o que faz ver que “a lexicalização é um processo negociado ao longo das interações linguísticas” (CASTILHO, 2016, p. 110).

1.3 Semantização

De acordo com Castilho (2016, p. 122), “a semântica é o sistema através do qual criamos os significados”. Nesse viés, a semantização é o processo de criação dos sentidos, gerenciado pelo dispositivo sociocognitivo (DSC). Para estudar esse processo, adota-se uma análise acerca do sentido lexical, do significado gramatical e da significação pragmática. Por meio da ação do DSC no sistema da semântica, podem-se ativar, reativar ou desativar sentidos.

A ativação semântica (semantização) faz com que novos sentidos sejam criados a partir das categoriais semânticas de: dêixes e foricidade, referenciação, predicação, verificação, conectividade, inferência e pressuposição, metáfora e metonímia. Em se tratando especificamente deste trabalho, volta-se o olhar para as duas últimas categoriais mencionadas.

No que tange à metáfora, Lakoff e Johnson (2002) reiteram seu caráter conceitual e sua propagação enquanto mecanismo cognitivo básico. Para os autores, pode-se entender uma metáfora por meio do domínio de experiência de outro termo. Seguindo essa visão, a metáfora é “a projeção de um conjunto de correspondências entre um domínio-fonte e um domínio-alvo” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, apud CASTILHO, 2016, p. 132).

Lakoff e Johnson (2002) classificaram as metáforas com base nos domínios aos quais elas se configuram. Nesse viés, têm-se: as metáforas imagéticas (voltadas às imagens visuais do domínio-fonte); as metáforas ontológicas (entidades criadas por meio da própria metáfora); as metáforas estruturais (em que se compara o domínio-fonte a uma entidade física); e as metáforas orientadas (relacionadas à localização espacial do domínio-fonte).

Já no que concerna à metonímia, vê-se a alteração de sentido de uma palavra por meio da migração de traços contidos na expressão linguística. Ela consiste, assim, no uso de uma palavra fora de seu contexto semântico “normal”, em virtude de possuir alguma relação com o conteúdo ou o referente. Essa relação pode ser objetiva, material, concei-

tual ou de contiguidade.

1.4 Discursivização

Mediante as premissas de Castilho (2016), tem-se que o DSC atinge ainda o sistema do discurso por meio do processo de discursivização, que se refere à criação de textos. Porém, antes de tratar desse processo, é importante destacar a noção do autor acerca de discurso:

O discurso é aqui entendido como o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização dos sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse. (CASTILHO, 2016, p. 133)

Assim como nos outros processos, tem-se a ativação, a reativação e a desativação. No sistema do discurso, a discursivização gera unidades discursivas e parágrafos por meio da hierarquização dos tópicos e de sua conexão. A rediscursivização promove a coesão textual pela repetição dos enunciados, na correção e no parafraseamento. Já a desdiscursivização refere-se ao abandono da hierarquia tópica, abrindo portas aos parênteses e às digressões.

Ainda sobre o processo de discursivização, vale ressaltar a constituição dos marcadores discursivos no processo de interação verbo-social. Partindo das premissas de Martelotta et al. (1996), pode-se classificar os marcadores discursivos como aqueles que atuam fora do nível textual; os operadores discursivos, por sua vez, agiriam no nível textual. Valle (2000) explora essa divisão para afirmar que aqueles que atuam no nível textual passariam por processo de gramaticalização, enquanto os que exercem função extratextual seriam encaixados no processo de discursivização, por serem embriagados por fatores pragmáticos e por focos interativos.

1.5 Gramaticalização

A gramaticalização se relaciona à ação do DSC no sistema da gramática e refere-se:

ao sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: (i) a fonologia,

que trata do quadro de vogais e consoantes, sua distribuição na estrutura silábica, além da prosódia; (ii) a morfologia, que trata da estrutura da palavra; (iii) a sintaxe, que trata das estruturas sintagmática e funcional da sentença (CASTILHO, 2016, p. 138).

Tomando como aparato as contribuições funcionalistas acerca da concepção de gramática como uma entidade *a posteriori*, isto é, formada por um conjunto de regras provenientes do discurso e observáveis no uso, entende-se que o processo de gramaticalização pode se dar por ativação, reativação ou desativação.

Mediante as palavras de Castilho (2016, p. 163), vê-se que, ao se ativarem as propriedades gramaticais, tem-se o processo de gramaticalização (puro), o qual forma os sintagmas, as sentenças, a ordem dos constituintes, a concordância e o arranjo da estrutura argumental. Por outro lado, ao se reativarem essas propriedades, produz-se a regramaticalização/reanálise, a qual pode alterar uma classe gramatical e atribuir novas funções sintáticas, por meio de mudanças nas fronteiras sintáticas de sintagmas e sentenças. Por fim, ao se desativarem as propriedades gramaticais, tem-se a desgramaticalização, a qual refere-se à perda da função categoria vazia.

Corpus e metodologia

A língua não se limita a uma visão sistêmica e estrutural do código linguístico; ela é dinâmica, heterogênea, ideológica e corrente. É, portanto, um mecanismo social de comunicação que envolve a interação entre o eu e o outro, sendo um espaço discursivo propenso à prática social, às novas descobertas, à construção dos sujeitos socialmente, à formação de ideias e significados. Portanto, “o sentido da linguagem está no contexto de interação verbal, e não no sistema linguístico” (PARANÁ, 2008) apenas.

Pensando nisso, neste estudo, optou-se por uma metodologia tipológica de investigação teórico-especulativa, de natureza quanti-qualitativa que assume uma perspectiva interpretativista de condução, já que se busca entender, analisar e interpretar fenômenos inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2008). Adotando um paradigma pós-positivista de investigação, fez-se uso do realismo crítico para a realização de um estudo pancrônico que abarcasse a Abordagem Multissistêmica da Língua (CASTILHO, 2016).

Em novembro de 2019, os dados foram coletados do *Corpus* do Português NOW (Notícias na Web), que contém aproximadamente 1,4 milhões de palavras de jornais e revistas *online* de grande circulação nacional, de 2012 até a atualidade. Esse *corpus* foi escolhido por apresentar textos que transmitem informações a um público diversificado,

o que confere, conseqüentemente, uma ampliação do olhar linguístico diante do objeto de análise, já que as escolhas linguísticas empregadas nos textos jornalísticos podem estar atreladas à finalidade e ao contexto sociocultural de produção e recepção desses textos.

Ao se pensar na constituição do verbo “lacrar” com sua nova carga semântica, não se pode refletir apenas sobre os fatores linguísticos, mas também sobre os aspectos socioculturais envolvidos na formação e propagação desse verbo e de suas variantes. Por essa razão, realizou-se uma análise quanti-qualitativa sócio-histórica que traçou brevemente a história social desse verbo no português brasileiro (PB), com base nos dados computados.

A priori, calculou-se o número de ocorrências do verbo “lacrar” no infinitivo, no gerúndio e no particípio, em seus dois sentidos (fechar e arrasar). Depois, investigou-se o sentido empregado pelo verbo conjugado no presente e no pretérito perfeito do modo indicativo, devido à grande ocorrência dessas formas nas redes sociais. Destarte, verificou-se o comportamento dos adjetivos e dos substantivos derivados dos processos multissistêmicos já descritos, como é o caso de “lacrador”, “lacradora” e “lacrção”, de modo a se perceber o número de ocorrências abrangendo o sentido original (fechar) e o sentido “novo” (arrasar).

Análise quanti-qualitativa sócio-histórica

Antes de iniciar uma análise dos dados computados neste estudo, torna-se válido indagar o real sentido de “lacrar”. Para tanto, leia-se esse trecho adaptado de Araújo (2017, s. p.):

Como o lacre, a treta virou símbolo linguístico dos novos tempos conflagrados, nos quais o outro deixa de ser alguém e passa a ser mais um rosto perdido no pântano da internet. Shakespeare tretava e lacrava. Drummond nem se fala. Clarice tretava uma treta de raiz e não essas Nutella. E lacrava, ô se lacrava! Se o mundo, letrado ou iletrado, já tretava e lacrava antes de saber o que eram essas coisas, o que lacrar quer dizer hoje? Somos uma nação virtual que lacra e treta. Tretar e lacrar são faces da mesma moeda. Tretar está para o conteúdo como lacrar para a performance. Normalmente são vistos juntos, mas é possível tretar sem performar e performar sem tretar. Caso raro, mas existe. (Adaptado de ARAÚJO, 2017, s. p.).

Partindo dessa visão de “lacre”, torna-se pertinente descobrir a história por trás desse verbo. “Lacrar”, no sentido de “arrasar”, teve sua origem na comunidade LGBTQIA+, assim como “sambar” e “tombar”. Segundo Mendonça, pesquisador da UFMG, essa expressão

“era usada em lugares como casas de festas, para expressar algo absolutamente diferente e arrebatador. Podia referir-se a uma *performance* muito bem executada no palco ou a produções de moda e maquiagem impactantes” (MENDONÇA, 2019, apud VANINI, 2019, s.p).

Porém, a gíria caiu de fato no vocabulário de muitos brasileiros por meio de um vídeo publicado pela youtuber Romagaga, em 2013. Sobre isso, Vanini (2019) explica que:

Os relógios ainda marcavam as primeiras horas do dia 13 de dezembro de 2013 quando uma bomba musical explodiu na internet. Beyoncé pegou o mundo inteiro de surpresa ao lançar, sem anúncio prévio, um álbum de inéditas que levava o seu nome. Como tudo que cai na rede é meme, as reações mais inusitadas pipocaram imediatamente. Entre elas estava o vídeo “Novo álbum da Beyoncé lacrou o c... de todas as inimigas!”, em que Romagaga aparecia exaltando, aos berros, o feito da diva pop. “Beyoncé samba, tá querida? Beyoncé reina! Beyoncé... lacra”, dizia ela, adicionando, a partir daquele momento, a expressão “lacrar” e suas derivações ao vocabulário de muitos brasileiros. (VANINI, 2019, s.p)

Em seus vídeos no YouTube, Romagaga não somente utilizava o verbo “lacrar” no infinitivo, como também a terceira pessoa do singular do presente (lacra) e do pretérito perfeito (lacrou), como em: (i) “O novo álbum, querida, lacrou, rompeu carreiras, meu amor!”; (ii) “Anitta com Roberto Carlos lacrou o ano de 2013. 2013 já pode acabar, tá, querida?! Porque Anitta já sambou, arreventou, humilhou, lacrou [...]”; (iv) “Beyoncé lacra, samba”.

Em 2014, Romagaga continuou publicando seus vídeos e obtendo fama por meio dos bordões, o que fez com que ela saísse em turnê com seu Lacra Tour. No mês de outubro desse mesmo ano, a youtuber lança o seu videoclipe “Eu vou lacrar o teu piri*”. Com esse vídeo, Romagaga alcançou famosas, como Anitta, que compartilhou o clipe em suas redes sociais.

Nesse vídeo, a youtuber “lacra” usando o verbo e novas palavras derivadas dele. Isso pode ser vislumbrado com os seguintes trechos da canção: (i) Eu vou lacrar com a tua cara; (ii) Eu lacro tudo sim; (iii) Sou lacração pras inimigas; (iv) Sou lacradora, sim. A partir desse e dos demais vídeos publicados em seu canal, o verbo “lacrar” atingiu um número gigantesco de pessoas, seja diretamente pela Romagaga, ou indiretamente, graças às redes e às mídias sociais.

Em um primeiro momento, entende-se que o termo foi sendo popularizado na comunidade LGBTQIA+, já que esse era o público-alvo da youtuber em suas redes sociais. Contudo, com a tecnologia e a propagação da informação pelas mídias digitais, o verbo

ganhou destaque na internet, fazendo com que pessoas de outros grupos também aderissem ao termo, empregando-o ora como *meme* ora como elogio para se referir à *performance* de cantores, à roupa de apresentadores, ao discurso de atores, ou ainda ao posicionamento de marcas famosas.

Além de estarem presentes em músicas de cantores(as) famosos(as) nacional e internacionalmente – a exemplo da música “Lacradora”, de Claudia Leitte – e no linguajar da maioria dos jovens, tais palavras já podem ser vistas no vocabulário de indivíduos de diferentes setores da sociedade, como professores, políticos e jornalistas. Isso é extremamente significativo, pois mostra a propagação desses termos e, de certa forma, quebra paradigmas, já que um verbo que se originou na comunidade LGBTQIA+ hoje transita por diferentes grupos sociais.

Como forma de sistematizar os dados computados ao longo deste estudo, optou-se por separá-los por grupos, de modo que se pudesse analisar o número de ocorrências do verbo “lacrar” com sua carga semântica original – fechar (S 1) e com sua carga semântica nova – arrasar (S 2). Para iniciar a análise, tem-se o gráfico a seguir, que traz um panorama das formas nominais encontradas a partir do verbo “lacrar” no infinitivo, no gerúndio e no particípio.

Gráfico 1: Formas nominais do verbo “lacrar”



Fonte: Elaboração pela autora.

Diante desses dados, podem-se constatar algumas situações particulares que levam a crer que, mesmo com o uso ainda bastante recorrente do verbo “lacrar” com seu sentido original de “fechar” estabelecimentos, envelopes e produtos, houve um crescimento considerável do uso desse verbo em contextos que pedem a carga semântica 2, isto é, relacionados ao ato de “arrasar”, “obter sucesso”. Isso se deu graças ao processo de seman-

ticização, já que, com o advento das novas tecnologias e com a “miscigenação” dos grupos sociais, um termo que antes era utilizado apenas por um grupo social (a comunidade LGBTQIA+) passou a ser adotado por diferentes grupos da sociedade. Assim, um verbo que antes continha apenas uma única carga semântica (lacre+ar: lacrar → fechar com lacre algo ou algum lugar) ganhou um novo sentido, fazendo com que, hoje, se possa interpretar esse verbo também como sinônimo de “arrasar”.

Como se viu outrora, o processo de semanticização faz com que novos sentidos sejam criados/acrescidos. No caso do verbo “lacrar”, podem-se verificar duas categorias semânticas atuando nesse processo: a metáfora e a metonímia. Em um primeiro momento, sabe-se que a origem do verbo “lacrar” no sentido de “arrasar” se deu com os bordões da youtuber Romagaga, a qual, por metáfora, afirmava que a cantora Beyoncé havia lacrado o c* das inimigas ao publicar seu novo álbum. Com essa afirmação, a youtuber estabeleceu uma relação direta com o sentido original do verbo “lacrar”, isto é, “fechar”, pois, quando uma pessoa diz “não passa nenhuma agulha no c*”, significa que ele está “fechado” em virtude de a pessoa estar com medo ou com vergonha de algo. Isto posto, ao dizer que Beyoncé havia lacrado o c* das inimigas, Romagaga quis dizer, metaforicamente, que ela havia humilhado/superado/calado a boca das invejosas que, conseqüentemente, ficaram sem reação. Assim, a youtuber projetou um conjunto de correspondências entre o domínio-fonte (lacrar: fechar) e o domínio-alvo (lacrar: arrasar).

Essa metáfora pode ser comprovada ao se notar que, em certos casos, embora a carga semântica de “arrasar” seja mais forte que a de “fechar”, restam ainda fragmentos imagéticos que permitem uma leitura dupla. Isso pode ser evidenciado coma seguinte sentença: (a) “Anitta com Roberto Carlos lacrou o ano de 2013. 2013 já pode acabar, tá, querida?!”. Nesse exemplo, sabe-se que Anitta arrasou em sua *performance* com Roberto Carlos. Contudo, há também algum indício do domínio-fonte, *id est*, do sentido original de “lacrar”, já que se entende que Anitta e Roberto Carlos fecharam o ano com chave de ouro, centrando/isolando as atenções para eles e, conseqüentemente, restringindo/fechando o espaço dos demais com o seu “lacre”.

É válido salientar que o termo “lacrar” permite uma leitura mais ampliada dos valores semânticos envolvidos, que pode partir das metáforas do domínio do espaço-movimento. Com base nos pressupostos de Lakoff e Johnson (2002), pode-se supor que “lacrar” converge sentidos diversos que podem ser interpretados como uma espécie de movimento em direção à definição de um padrão máximo de representatividade de um agente [+humano] que demarca o expoente máximo de um uso que pode ser considerado ideal e venerável.

Lacrar, originalmente, era uma ação ou um movimento caracterizado por ser físico e concreto. Lacrar era fechar algo, selá-lo, guardá-lo com segurança; era o que se fazia com a carta, com o malote, com a porta de algo que não poderia ser violado. Esse movimento físico foi, por processo metafórico, transportado para o abstrato, de modo que uma entidade [+ humana] passa a lacrar quando atinge o máximo, o seu ápice, podendo ser considerado “venerável”.

Como lacrar coisas, a exemplo da carta, era finalizar a ação, postar e defender um discurso (em rede social ou em outros contextos) torna-se encerrar o assunto. Esse processo parece ser uma metáfora orientada (o assunto passa a ficar guardado “dentro” para sempre), mas existe ainda um teor ontológico (o discurso defendido é tomado como um objeto físico lacrável como uma carta ou um cofre). De qualquer forma, nesse processo, há uma associação de dois domínios distintos, nos termos de Lakoff e Johhson (1980, 2002), que permite uma ampliação do uso de lacrar antes restrito. O processo de semanticização continua, de modo que o que era “venerável” tornou-se uma espécie de ação de “muito barulho por nada”, defender um discurso apenas para obter aplausos.

É bem interessante ver como um novo verbo construiu-se a partir do processo de semanticização, carregando consigo as marcas do seu domínio-fonte. Porém, indo mais além, vê-se que outra categoria semântica atuou (e atua) nesse processo: a metonímia.

A metonímia se justifica, nesse caso, pois nota-se que o acréscimo de um novo sentido ao verbo fez com que este fosse utilizado fora de seu contexto semântico “normal”. Embora haja uma relação com o referente, o verbo é empregado em outras situações, de modo que até suas propriedades linguísticas são afetadas. O verbo “lacrar”, no sentido de “fechar”, é bivalente, isto é, exige dois argumentos (alguém que lacra e o que é lacrado), por exemplo: “O policial lacrou o estabelecimento”, ou ainda, “A mulher lacrou o envelope”. Já o verbo “lacrar” com o sentido de “arrasar” apresenta geralmente apenas a exigência de um argumento, sendo, portanto, monovalente, como é o caso de “Manu Gavassi lacrou”. Quando a análise se debruçar para o caso dos verbos conjugados, voltaremos a tratar da valência verbal.

Outro ponto de suma importância refere-se ao verbo no infinitivo, já que o sentido de “arrasar” passou a ser incorporado gradativamente nesse *corpus* a partir de 2014 e ganhou mais destaque ao longo dos anos seguintes. Além disso, vale citar que, geralmente, “lacrar” vem funcionando como complemento de um outro verbo, ou ainda como verbo de uma oração subordinada adverbial reduzida ao infinito, como é o caso da construção “para + v^{inf}”.

- (3) “Ela vai lacrar com seu novo programa.”
- (4) “Exagerada, maximalista, irônica e debochada, Iris Apfel parece estar sempre vestida para lacrar!”
- (5) “Tudo que eles fazem pode virar *meme* ou viralizar. Todos querem lacrar.”
- (6) “Compre produtos piratas e fala que é original pra tirar onda e lacrar no Facebook.”
- (7) “Está na hora de as nossas universidades se atualizarem frente as demandas do século 21. Está na hora de democratizar verdadeiramente o saber. Lacrar e mitar, fazer e acontecer.”

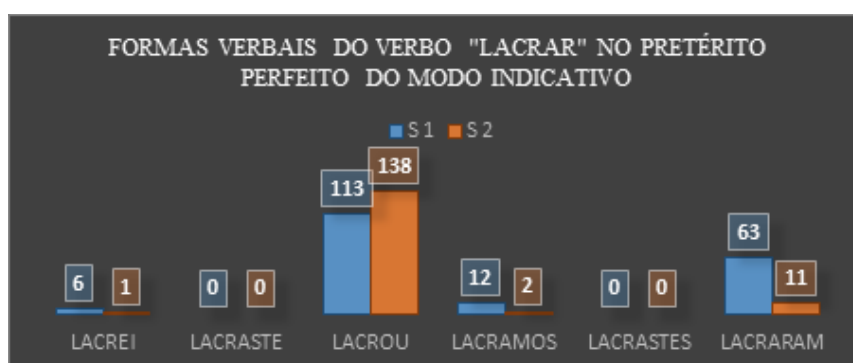
Já sobre o uso do verbo “lacrar” no gerúndio, no que se refere ao número de ocorrências, pode-se dizer que o sentido “arrasar” ganhou do original “fechar”. Isso é algo muito expressivo, pois mostra que, desde 2014, essa forma nominal é cada vez mais utilizada no vocabulário popular. Veja os exemplos a seguir, em que “lacrando” é sinônimo de “arrasando”.

- (8) “Os participantes do Show dos Famosos estão lacrando muito! Uma apresentação mais incrível que a outra”
- (9) “Ain, que lindo, Marvel mais uma vez lacrando e sambando na cara da família tradicional, trazendo muitxs personagxs femininxs negrxs.”
- (10) “Stefany, ela mesmo! Chega lacrando, com isoporção de sacolés para alegrar a galera.”
- (11) “Como esquecer de Kéfera no programa da própria Fátima Bernardes lacrando em inglês?”
- (12) Por outro lado, a partir dos dados expostos no gráfico 1, vemos que, quando o verbo “lacrar” é empregado no particípio, seu sentido normalmente está vinculado ao ato de fechar. Isso pode ser materializado com as seguintes sentenças:
 - (13) “O prédio será lacrado e interditado em sua totalidade visando a imediata demolição.”
 - (14) “Ocorre que o prédio foi lacrado com tudo dentro, incluindo equipamentos e remédios.”

- (15) Porém, apesar da predominância desse sentido no *corpus*, foi possível averiguar três casos em que “lacrado” apresentava o sentido de “arrasado”, o que mostra ser perfeitamente possível encontrar essas construções no dia a dia.
- (16) “Alguns seguidores mais atentos reagiram com humor à alfinetada de Evaristo Costa na Globo e se divertiram com a mensagem, dizendo que ele havia ‘lacrado’”.
- (17) “Além de Camila Cabello ter lacrado enquanto cantava em *show* de Taylor Swift, o Fifth Harmony também arrasou.”
- (18) “Adrián López chegou em julho ao FC Porto rotulado como craque por ter lacrado em edição especial, *premium*.”

Além das formas nominais do verbo “lacrar”, pesquisaram-se também as formas verbais conjugadas no presente e no pretérito perfeito do modo indicativo, visto que se notou uma frequência significativa de sentenças formadas a partir do uso da terceira pessoa do singular (lacrar – presente, lacrou – pretérito perfeito). Com o intuito de ilustrar esses casos, optou-se por, inicialmente, retratar os dados obtidos com os verbos no passado, para, posteriormente, comparar os resultados com o levantamento dos verbos no presente.

Gráfico 2: Formais verbais do verbo “lacrar” no pretérito perfeito do modo indicativo



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados do gráfico 2 mostram algo que já se vê com frequência no comportamento de outros verbos regulares: o desuso da forma verbal com a segunda pessoa do singular (tu) e com a segunda do plural (vós), tanto no sentido 1 (fechou) quanto no sentido 2

(arrasou). Além disso, os dados apontam para uma questão discursiva vinculada à autoafirmação, posto que, pensando no sentido 2, nota-se que o número de ocorrências com a primeira pessoa do singular (eu) e com a primeira do plural (nós) é bastante baixo quando comparado ao dos casos com a terceira do singular (ele/ela) e com a terceira do plural (eles/elas). Isso poderia estar relacionado a um aspecto cultural do povo brasileiro em não se achar suficientemente competente em comparação ao outro (como é o caso do sentimento brasileiro de inferioridade e a fixação ao estrangeiro).

Para Nelson Rodrigues (1993, p. 51), isso é fruto de um “complexo de vira-lata”, definido como “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima”.

De acordo com Byington (2013), o complexo de vira-lata dos brasileiros faz parte da história do Brasil por alguns motivos: o país ter sido colonizado por prisioneiros portugueses degradados; por pertencer ao Terceiro Mundo; e pelo sentimento de insegurança e autodesqualificação diante do mundo branco, europeu e norte-americano, já que o Brasil é um país altamente miscigenado (brancos, índios e negros, principalmente). Sobre isso, Moreno (1975) acrescenta que essa identidade de colonizado não nasce com os indivíduos, mas é imposta histórica e culturalmente, fazendo-os se sentirem inferiores.

Nesse sentido, a baixa ocorrência de construções como “lacrei” (arrasei), “lacramos” (arrasamos) estaria relacionada à dificuldade do indivíduo em se autoafirmar como capaz de fazer algo e ser reconhecido por isso. Por extensão, o uso predominante da forma verbal na terceira pessoa (singular ou plural) indica um processo de gramaticalização, já que uma das formas se sobressai. De certo modo, isso colabora para que o verbo “lacrar” com sentido de “arrasar” se torne uma expressão mais fixa, deixando de ter a liberdade de outros verbos regulares.

Uma outra questão linguística importante a ser mencionada refere-se à não exigência de um complemento pelo verbo “lacrar” no sentido de “arrasar”, o que mostra um contraste com o comportamento do verbo quando utilizado em seu sentido original (fechar). Vejam-se os exemplos a seguir.

- (19) Uma advogada acompanhou o procedimento da vigilância sanitária que notificou o responsável, lacrou o freezer e recolheu a carne.
- (20) Operação conjunta autuou donos e lacrou fazenda.
- (21) Faustão lacrou total quando mandou beijo para Justin Bieber, Selena Gomez e Camilla Cabello.

- (22) A Netflix “lacrou” novamente e conseguiu resolver o problema sem maiores crises.
- (23) Como posto em linguajar pós-moderno: a prova do Enem “lacrou”.
- (24) Como se diz por aqui: lacrou!

Não se pode ser radical e dizer que, em todos os casos, o verbo “lacrar”, quando utilizado como sinônimo de “arrasar”, não exija objeto. O que acontece é uma predominância de casos que permitem o verbo ser monovalente, isto é, ter apenas um argumento (que, no caso, é o argumento externo/sujeito). Porém, há também situações em que um complemento é solicitado:

- (25) Atualmente, Karol G tem um parceiro mais frequente: o namorado e rapper Anuel AA, com quem lacrou a internet ao postar uma foto.
- (26) Poderia citar vários, mas “lacrção” pontuou, ou melhor, lacrou o ano que termina logo adiante.

Percebe-se, assim, que o verbo “lacrar”, quando equivalente a “arrasar”, vem passando por um processo de gramaticalização, o que o faz ser, até o presente momento, predominantemente (mas não exclusivamente) monovalente, podendo, inclusive, ocorrer isoladamente em uma sentença, como nos comentários de fotos nas redes sociais, em que o internauta escreve apenas “lacrou!”, e isso já é o suficiente para se entender o que ele quis dizer.

Ainda sobre o uso do verbo “lacrar” na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, acrescenta-se uma análise voltada ao processo de discursivização, já que, em muitos casos, se pôde constatar o uso dessa expressão para encerramento dos turnos e discursos, atuando como marcador discursivo de encerramento e operando como uma partícula para avaliar o que foi dito pelo enunciador. Essa característica permite dizer que o verbo “lacrar”, nessa conjugação em especial, exerce a função de modalizador no subsistema da semântica.

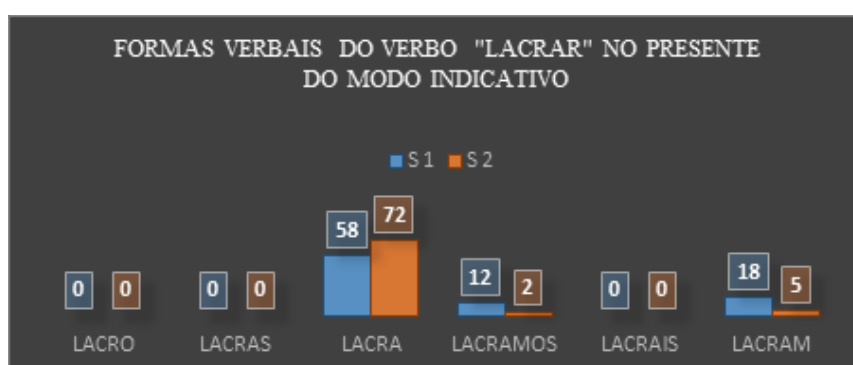
Segundo Vincent et al. (1993, apud VALLE, 2000, p. 105), quanto mais uma unidade avança no processo de discursivização, mais ela: “a) perde complexidade semântica e significação sintática; b) ganha significação pragmática; c) se distingue das outras unidades que continuam a ser gramaticais pela sua entonação e posição na frase; d) tende a desenvolver um uso opcional e diversifica suas posições na frase”. Nesse viés, nota-se que a expressão “lacrou” vem passando por um processo de discursivização, já que pode ser

empregada isoladamente em comentários nas redes sociais e nos finais de turnos aos se elogiar alguém.

Outro uso que esclarece essa função de marcador discursivo da expressão “lacrou” refere-se ao emprego desse termo na rede social Instagram. Ao lado de opções como “aí sim”, “daora”, “top” e “animal”, “lacrou” aparece como uma possibilidade de *emoji* para ser utilizada em fotos e vídeos, de modo a se avaliar o conteúdo ali compartilhado.

Finalizada a análise das formas verbais do verbo “lacrar” no pretérito perfeito, busca-se agora investigar o comportamento dessas formas no tempo presente.

Gráfico 3: Formas verbais do verbo “lacrar” no presente do modo indicativo



Fonte: Elaborado pela autora.

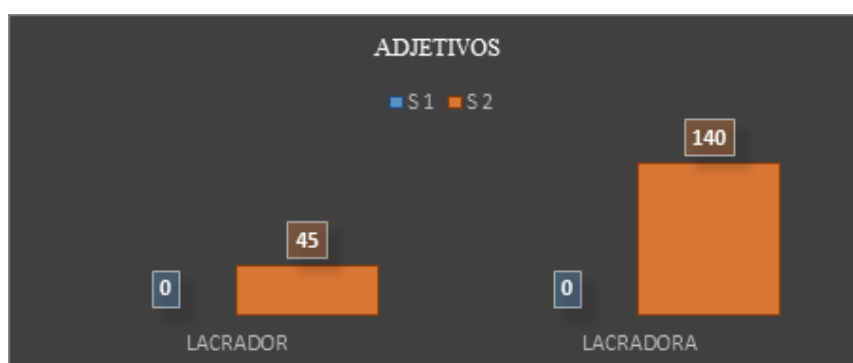
Ao se comparar o gráfico 3 com o do pretérito perfeito (gráfico 2), *a priori*, verifica-se a nítida menor ocorrência dos verbos no presente, em quaisquer pessoas gramaticais. Além disso, percebem-se novamente a ausência das formas na segunda pessoa do singular e do plural, a baixa ocorrência dos verbos com a primeira pessoa do singular e do plural e a grande incidência de casos abrangendo o verbo “lacrar” (arrasar) com a terceira pessoa do singular. Vejam-se alguns exemplos.

- (27) “Carla Perez lacra a *web* com novo modelito de arrasar”
- (28) “Caramba, lacra muito, linda”
- (29) “Anitta entra em 2018 como a diva do pop brasileiro que lacra contra o machismo branco e opressor, por ser dona do seu corpo e ter o direito de fazer dele o que quiser”
- (30) “Pabllo Vittar lacra em capa de revista gringa sobre luta LGBTQ+”

Assim, tanto no presente quanto no pretérito perfeito, o verbo “lacrar” – no sentido de “arrasar” – ocorre preferencialmente com a terceira pessoa do singular. Esse dado é bastante profícuo, já que reforça a hipótese de que esse verbo vem passando por um processo de gramaticalização, em que as formas conjugadas com a terceira pessoa do singular (ele/ela), ou ainda com a segunda pessoa (quando se pensada como “você”), se sobressaem diante das demais. Isso indica que, apesar de poder funcionar como um outro verbo regular qualquer, o verbo “lacrar” com sentido de arrasar está caminhando para se tornar uma expressão mais fixa.

Completada a análise das formas verbais, este estudo direciona o seu olhar às palavras que foram surgindo por meio do processo de lexicalização – que, na verdade, será entendido aqui como relexicalização, ou seja, reativação lexical (cf. Castilho, 2016), posto que se vê o movimento mental pelo qual as categorias cognitivas e seus traços semânticos são reagrupados, renovando, assim, o vocabulário. Esse processo pode se dar por derivação lexical (junção de prefixos e sufixos a um radical) e composição lexical (junção de radicais). O gráfico 4 ilustra as ocorrências do adjetivo “lacrador” e “lacradora”.

Gráfico 4: Adjetivos



Fonte: Elaborado pela autora.

Diferentemente do que ocorre com os verbos, em que “lacrar” (fechar) e “lacrar” (arrasar) coexistem no PB, vê-se que os adjetivos “lacrador” e “lacradora” se referem exclusivamente ao sentido 2, ou seja, acrescentam uma característica ao substantivo ao qual se referem, dizendo que é algo arrasador, maravilhoso, avassalador, conforme os exemplos a seguir.

- (31) “A esposa de Mister Brau está sempre deslumbrante e com um penteado lacrador de causar inveja nas inimigas.”

(32) “E para acompanhar, uma *make* lacradora feita pela maquiadora do programa Isabela Japiassú.”

(33) “Viviane Araújo mostra fantasia de desfile e *web* elogia: ‘Lacradora.’”

De antemão, ressalta-se a predominância do adjetivo no feminino, já que perfaz cerca de 75,6% dos casos. Isso poderia ser justificado pela ligação quase direta do termo ao seu referente, que, muitas vezes, remete a uma mulher ou a algo feito por uma mulher.

Contudo, é importante frisar que, embora o adjetivo esteja fortemente atrelado a um sentido positivo, em alguns casos, pode apresentar teor pejorativo, o que poderia indicar um resquício de preconceito, já que o termo é preferencialmente utilizado por grupos minorizados, como a comunidade LGBTQIA⁺ e as mulheres. Sobre isso, têm-se os seguintes exemplos:

(34) “Esperamos do ministro “lacrador” menos piadas e mais seriedade para com a educação.”

(35) “Você gosta tanto de fazer discurso lacrador que vai acabar tendo velório com caixão lacrado.”

(36) “Governar envolve tudo isso. Não é escrever textão lacrador no Facebook.”

(37) “Enquanto essa esquerda não abandonar esse tom lacrador, as coisas permanecerão difíceis.”

Sem atenção a preferências políticas, e sim ao uso do termo nos contextos de alcance, faz-se uma breve análise do uso pejorativo do adjetivo “lacrador(a)” como forma de representar a ideologia de um movimento político (e, por que não, social) bastante conhecido no Brasil. No espectro político, a esquerda é conhecida por defender mais igualdade social, preocupando-se, principalmente, com os grupos que estão em desvantagem social. Como se viu anteriormente, o verbo “lacrar” e suas variantes são empregados especialmente por LGBTQIA⁺ e mulheres, grupos que são defendidos pelo movimento esquerdista. Isso poderia justificar, portanto, o uso do adjetivo “lacradora” por grupos de direita como forma de designar a atuação da esquerda, em tom depreciativo.

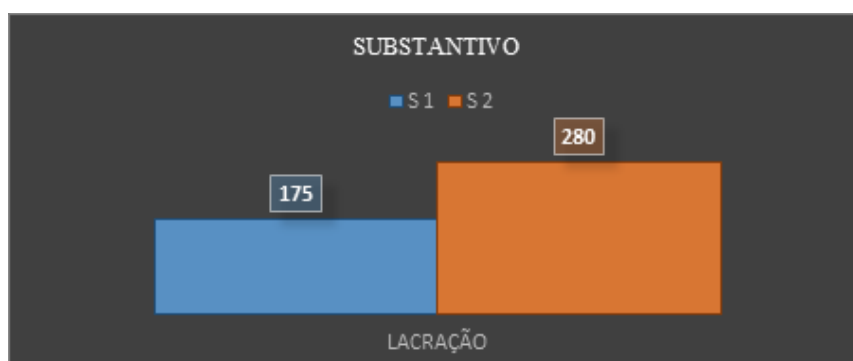
Para estabelecer essa relação, a direita se valeu da ideia de que ser “lacrador(a)” virou tendência entre os usuários das redes sociais que preferem reduzir uma questão complexa a uma simples frase de efeito com o objetivo de encerrar o debate político e de “lacrar” com o adversário, atacando-o e conquistando “likes” em suas publicações. Isto

posto, quem é “lacrador” passou a ser visto por alguns como aquela pessoa que faz de tudo para dar “audiência”, porém, muitas vezes, o “tiro pode sair pela culatra”, e ela passa vergonha.

Assim, ao caracterizar a esquerda como “lacradora”, a direita se pauta em uma visão estereotipada de que, por nascer na comunidade LGBTQIA+ e representar o público feminino, esse adjetivo estaria, portanto, relacionado ao interesse das minorias em utilizar as mídias digitais para fazer soar sua luta de modo alegórico, fútil e “forçado”.

Vale citar ainda que não são apenas os adjetivos que carregam esses estigmas sociais. Outra palavra derivada do processo de relexicalização (reativação lexical) é o substantivo “lacração”, que pode ser utilizado tanto para qualificar algo quanto para desqualificar. A escolha do valor semântico atribuído pelo substantivo dependerá dos interlocutores que estiverem produzindo o discurso e do contexto de produção. A seguir, apresenta-se o gráfico com o número de ocorrências do substantivo “lacração”.

Gráfico 5: Substantivo



Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de existirem substantivos voltados ao sentido 1 (fechamento), cerca de 61,5% dos dados encontrados referem-se ao ato de “arrasar”. Apresentam-se a seguir alguns exemplos desses dois casos.

- (38) “No interior, o cronograma de carga, lacração e distribuição das urnas segue procedimentos específicos definidos por cada zona eleitoral.”
- (39) “Essa foi a maior lacração de produtos não homologados pela fiscalização da Anatel em 2018.”

- (40) “Vocês queriam lacração, babys?’. Foi assim que Cléo Pires começou a legenda de uma foto publicada em seu perfil oficial do Instagram.”
- (41) “E a lacração de estilo não para na Cidade do Rock!”

Com essas sentenças, vê-se que “lacrção” pode sugerir o fechamento de estabelecimentos, urnas, produtos, envelopes, e também pode indicar o ato de “arrasar”, “tombar”, “impressionar”. A lacração pode ocorrer quando uma cantora lança uma nova música; quando uma mulher assume o seu lugar de fala; ou ainda quando um político, para aumentar as curtidas de sua publicação, apela à criação de bordões que sugerem uma possível “militância”. Sobre isso, de acordo com Viana (2017, s. p):

Não é novidade que o universo LGBT tem um vocabulário próprio e crescente de termos pra lá de únicos. Poderia citar vários, mas “lacrção” pontuou, ou melhor, lacrou o ano que termina logo adiante. Conseguiu até sair do armário e fazer moda entre os não tão familiarizados com o universo *gay*. Porém, engana-se quem limita a lacração ao simples ato de “mandar bem”. O lacre é primo do “arrasou” e inimigo mortal do “mitou”. Há um quê de lantejoulas salpicadas; tem ranço de hipocrisia e deve ser falado com a boca transbordando. Lacração é tombo, é hino e é voz, que, nem sempre, milita; mas obrigatoriamente causa, ora pela coragem de usar aquele vestidinho desaforado, ora por bradar um “Fora Temer” em ambiente hostil.

Nesse sentido, o termo “lacrção” pode ser utilizado em diferentes segmentos, a depender dos interlocutores e do sentido atribuído por eles. No texto de Viana (2017), percebe-se um papel ideológico desempenhado pelo uso do termo, resultante de uma força advinda dos grupos minoritários que, com coragem, deslacam as barreiras impostas pelo preconceito e libertam suas vozes. Sobre isso, Viana (2017, s.p.) declara:

E é disso que se trata a lacração: está mais para o “deslacre” do que para o lacre. Liberta, ousa, age sem medo; defronta o preconceito e fecunda novos estilos. Tão óbvio: a lacração é substantivo feminino; *gay*, bi, trans, colorido e plural. É a celulite da Anitta no clipe Vai Malandra e, principalmente, são as mais de 60 milhões de visualizações do vídeo no Youtube, jogando na nossa cara a sem-vergonhice malandra que deveria nos caber mais vezes. [...] Que 2018 nos traga mais lacres, porque sim, precisamos! Precisamos de mais gordas usando as roupas que as fazem felizes, de menos gente chata questionando seu batom escuro à luz do dia. Precisamos de mais bateção de cabelo e menos fotos com edição. [...] Lacração é emancipação, amor próprio e não ter medo de ser feliz, simplesmente, sendo.

Na ótica de Viana (2017), “lacrção” é libertação, autenticidade e voz. Porém, assim como o adjetivo “lacrador(a)” ganhou destaque na política de modo pejorativo, o substantivo “lacrção” também passou a ser utilizado para definir um tipo de “política” realizada por indivíduos que almejam destaque nas mídias de comunicação. Sobre esse uso, têm-se algumas sentenças que foram obtidas da internet:

- (42) “Se estivesse menos preocupado em ganhar *likes* e lacrar na internet estaria prestando melhor trabalho como deputado. Mas não, faltou sessão como a dos precatórios na Alesp que foi decidida por apenas 1 voto. Mais responsabilidade, menos lacração, por favor”, tuitou Eduardo Bolsonaro.
- (43) “Murilo Resende, o novo coordenador do Enem, é doutor em economia pela FGV, e seus estudos deixam claro a priorização do ensino ignorando a atual promoção da ‘lacrção’, ou seja, enfoque na medição da formação acadêmica, e não somente o quanto ele foi doutrinado em salas de aula”, tuitou o presidente Bolsonaro.
- (44) “Marina Silva critica a ‘política da lacração’ de Lula e Bolsonaro”
- (45) “Eu não faço política fazendo pirotecnia e isso é uma verdade. Não faço a política da lacração. Eu faço política com intenção de contribuir para o debate, não faço também oposição por oposição. Eu analiso as questões e me posiciono”, explicou Marina Silva.

Nos exemplos (xxxviii) e (xxxix), nota-se que a expressão “lacrção” está diretamente relacionada à política de esquerda, pensando nas relações ideológicas defendidas pelos interlocutores do discurso. Já nas sentenças (xl) e (xli), vê-se uma outra visão: a política da lacração criticada por Marina Silva deprecia tanto as atitudes da esquerda quanto as da direita. Vê-se assim que, nessa visão, a “lacrção” não seria uma característica específica de um movimento ideológico político (um partido), mas sim da política atual que vem sendo nutrida por políticos que preferem “lacrar” e “mitar” nos holofotes em vez de “politicar”² de verdade.

Essa visão estereotipada e contorcida do verbo “lacrar” e de suas variantes acaba comprovando o estigma social que uma palavra carrega por se originar e circular em determinado grupo social. Vê-se que, apesar de serem empregadas por indivíduos de diversos setores da sociedade (cantores, artistas, jornalistas, políticos), há um preconceito

² Politicar, aqui, refere-se ao ato de fazer política; ocupar-se das funções básicas de um político na sociedade.

incrustado no uso desse termo. Isso pode ser notado inclusive em ações governamentais, que proíbem o uso de determinados termos por fazerem alusão a grupos sociais marginalizados, como é o caso da determinação do presidente, em abril de 2019, proibindo³ palavras do dicionário LGBTQIA+ (a exemplo de “lacrou”) de serem veiculadas em publicidade de estatais. O anúncio aconteceu após o presidente afirmar que o Brasil não pode ser visto como “paraíso do mundo *gay*”.

Esses desdobramentos sociais envolvendo o verbo “lacrar” e suas variantes mostram que, de 2013 até 2019, esses termos sofreram apropriações e reapropriações – o que já era de se esperar, posto que a língua está em constante oscilação devido às vicissitudes do discurso comunicativo e dos contextos semântico-pragmáticos. Contudo, resta saber agora se esse termo permanecerá no vocabulário popular brasileiro ou se perderá força nas redes sociais devido ao caráter pejorativo que ganhou em alguns grupos.

Uma matéria escrita por Vanini e publicada no jornal *O Globo*, no final de novembro de 2019, defende o crescente desuso das palavras derivadas do verbo “lacrar” no sentido de arrasar. Para justificar sua tese, Vanini (2019) declara que, com a adoção do termo pelas mídias e pela cultura pop, “lacrar” ganhou um significado muito amplo e se esvaziou. A exemplo disso, cita o uso do substantivo “lacrção”, que, muitas vezes, é empregado como rótulo pejorativo para vídeos sobre temas como discriminação, homofobia e política que buscam apenas gerar “likes”.

Assim, o termo “lacrção” passou a ser questionado, pois o jovem atual percebeu que a exposição exagerada e distorcida da realidade nas redes sociais com o intuito apenas de “lacrar” é mera ilusão e traz apenas fama efêmera. Com base nesses argumentos, Vanini (2019) acredita que o termo esteja sofrendo um “cancelamento”⁴, e essa mudança linguística estaria diretamente vinculada ao novo comportamento dos jovens, que, insatisfeitos com o sentido pejorativo que o termo ganhou diante de outras gerações, o estão abandonando. Para Karam (2019, apud VANINI, 2019), o processo de “cancelamento” que está ocorrendo com o verbo “lacrar” e suas variantes é equivalente à saída dos jovens do Facebook após a entrada dos pais na rede social e a consequente ressignificação do aplicativo.

Em suma, partindo dos pressupostos levantados por Vanini (2019) e pensando nos dados aqui discutidos, vê-se que, quando o verbo “lacrar” se propagou, sua carga semântica era positiva, sendo empregado para dizer que alguém “arrasou”, “obteve sucesso” em algo. Contudo, com a incorporação desse termo por outros segmentos da sociedade –

³ Informação compartilhada pela revista *Veja* em 2019.

⁴ Palavra usada pelos jovens para decretar o fim de alguma coisa.

como é o caso do meio político –, o verbo ressignificou-se nesses grupos e ganhou também um sentido negativo, especialmente por razões ideológicas. Embora os dois sentidos coexistam (em grupos de bases ideológicas distintas), a depreciação de sentido oriunda do setor político vem fazendo com que o verbo “lacrar” no sentido de “arrasar” esteja caindo em desuso.

Considerações finais

Os dados obtidos e as análises elaboradas colocaram em evidência não só os aspectos linguísticos, mas também os sócio-históricos que, inevitavelmente, influenciaram e continuam influenciando o comportamento do verbo “lacrar”. Diz-se isso pois sabe-se que a efemeridade das relações sociais tem afetado a composição linguística do vocabulário popular. A exposição frequente às redes sociais e a obsessão pelo “agora” têm feito palavras surgirem e perderem força rapidamente. Os “tempos líquidos” dos quais trata o sociólogo Zygmunt Bauman retratam com perfeição o que vem acontecendo com o verbo “lacrar”.

Os tempos são “líquidos” porque tudo muda velozmente. Nada é feito para durar, para ser “sólido”. Em uma entrevista para a Revista IstoÉ, Bauman (2014, s.p.) declarou que:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada – ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis – não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida.

O bombardeamento de informações diariamente nas redes sociais fez com que, por meio dos processos de semanticização, lexicalização, gramaticalização e discursivização, “lacrar” não mais significasse apenas “fechar”, mas ganhasse também o sentido de “arrasar” perante um grande público em poucos anos de uso. Contudo, esse mesmo bombardeamento de informações está fazendo com que esse termo se ressignifique em diferentes grupos da sociedade, ganhando uma conotação positiva em certos grupos e negativa em outros.

A grande questão que fica é: esse verbo e suas variantes realmente vão durar? Só o tempo poderá responder a essa pergunta, pois, como se sabe, a língua é mutável e, até cer-

to ponto, imprevisível. Muitos fatores podem fazer um termo se reinventar e se resignificar. A história do português é isso! Pensar o presente, pensando o passado e imaginando o futuro. “Imaginando”, pois não há uma fórmula secreta para se afirmar com certeza o que acontecerá.

De fato, os fatores citados ao longo deste trabalho indicam que esse termo está caminhando para o desuso, porém, assim como ganhou voz de um colapso beyonciânico⁵, pode ainda renascer em outro contexto e fazer rebrotar a chama de lacrar na vida dos lacradores.

Referências

- ARAÚJO, H. Comportamento. A genealogia da treta na era da internet. *Jornal online O POVO*. Fortaleza, 10/09/2017. Seção Jornal. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/09/comportamento-a-genealogia-da-treta-na-era-da-internet.html>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BAUMAN, Z. “Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar”. [Entrevista concedida a] Adriana Prado. *Revista IstoÉ*, São Paulo, 20 maio 2014. Disponível em: [https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/.](https://istoe.com.br/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR+/) Acesso em: 27 nov. 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: ____ O *professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BYINGTON, C. A. B. A identidade brasileira e o complexo de vira-lata. Uma interpretação da psicologia simbólica junguiana. *Jungiana*, v. 31, n.1, p. 71-80, 2013.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CORPUS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. Criado pelo Professor Mark Davies. Financiado pelo National Endowment for the Humanities. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. Londres: Edward Arnold, 1973.
- MARTELOTTA, M. E. T. et al. (Org.) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Educ, 2002.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

⁵ Neologismo para referenciar o surgimento de “lacrar” (arrasar) no vídeo em que Romagosa reagia positivamente ao lançamento do álbum de Beyoncé.

RODRIGUES, N. “Complexo de vira-lata”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NETO, S. S. História do latim vulgar. Rio de Janeiro, Ao livro técnico S/A, 1977.

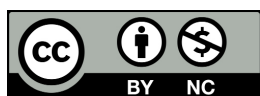
PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica*. Língua Portuguesa. Paraná, 2008.

VALLE, C. Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização. *Working Papers em Linguística*, v. 4, n. 1, p. 104-113, 2000.

VANINI, E. Nascido em ambientes LGBTQs, termo ‘lactação’ sofre apropriações e perde força nas redes. *Jornal O GLOBO – Ela*. Rio de Janeiro, 24 nov. 2019. Seção Ela. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/nascido-em-ambientes-lgbts-termo-lacracao-sofre-apropriacoes-perde-forca-nas-redes-24092018>. Acesso em: 27 nov. 2019.

VIANA, R. #Lactação. A palavra que saiu do armário. *Jornal online O POVO*. Fortaleza, 31 dez. 2017. Seção Jornal. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/dom/2017/12/lacracao-a-palavra-que-saiu-do-armario.html>. Acesso em: 27 nov. 2019.

VINCENT, D. et al. Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique*, Quebec, n. 19, p. 73-103, 1993.



Data de submissão: 14/06/2020

Data de aceite: 30/10/2020